

Algo estava errado

Adoniram Judson, com 22 anos, acordou com as suaves ondulações do Packet, uma escuna de três mastros que o levava de Boston até Londres pelo oceano Atlântico. Era o décimo quinto dia de viagem e, depois de tomar o café da manhã com o capitão, Adoniram planejava passar o resto do dia na cabine lendo. Ele teria preferido sentar-se no convés enquanto lia, mas eram meados de janeiro de 1811, e uma brisa gelada e cortante vinda do Ártico soprava pelo navio já havia vários dias, o que impossibilitara ficar no convés por mais tempo que alguns minutos, mesmo quando o sol brilhava de forma intensa.

Ao sair do beliche, Adoniram se perguntou se os outros dois passageiros a bordo se juntariam a ele e ao capitão para o café da manhã. Os outros homens falavam apenas espanhol, e era divertido tentar descobrir o

que eles diziam por meio de seus gestos e outras formas de linguagem corporal. Normalmente, o Packet teria 20 passageiros a bordo, mas a guerra em curso entre a Inglaterra e a França significava que apenas os passageiros mais desesperados ou determinados corriam o risco de atravessar o oceano Atlântico naqueles dias, em especial a bordo de um navio britânico.

Como passageiro, Adoniram se enquadrava na última categoria. Ele estava determinado a ir para Londres e se encontrar com os líderes da London Missionary Society [Sociedade Missionária Londrina]. Ele havia sido enviado em nome da recém-formada Sociedade Missionária da Igreja Congregacional, ou da Diretoria Americana, como era chamada, para pedir dinheiro e apoio à sociedade londrina para que a missão nascente pudesse enviar o primeiro grupo de missionários estrangeiros americanos. Se tudo corresse bem, Adoniram e os outros três missionários que esperavam na Nova Inglaterra por seu retorno poderiam chegar todos ao leste da Ásia até o Natal.

Assim que jogou um pouco de água no rosto, Adoniram notou que algo estava errado. Ao invés do rangido suave do casco do Packet, ele ouviu o som de pés correndo no convés acima dele. Ele também podia ouvir vozes. Parecia que todos estavam gritando ao mesmo tempo. Colocando as calças e o casaco, Adoniram subiu com velocidade até o convés para investigar.

Uma vez no convés, conseguiu entender o porquê de toda a agitação. Um navio francês, com as velas ondu-

lando à brisa forte, deslizava pela água em direção a eles. Em resposta, a tripulação corria sobre o convés, içando as velas e apertando as adriças enquanto o capitão e o primeiro-oficial gritavam ordens. Enquanto gritava, o capitão girava o leme do Packet, tentando manobrar o navio para conseguir o máximo de vantagem do vento.

— Um corsário —, gritou o capitão quando viu Adoniram. — O navio tem armas nas laterais e estamos tentando ser mais rápidos que eles.

Em poucos minutos, Adoniram percebeu que, apesar do esforço frenético da tripulação, o navio francês continuava se aproximando.

Adoniram ouvira falar dos corsários franceses e de como saqueavam os navios britânicos. Ele também ouvira histórias de horror do fim que alguns marinheiros haviam encontrado às mãos dos corsários. Agora que parecia certo que o Packet seria invadido pelo navio francês, ele se perguntava qual seria seu fim. Ele era americano e esperava que isso o protegesse. No entanto, sabia que provavelmente isso não protegeria seus pertences de serem saqueados. O pensamento o estimulou a correr de volta à cabine.

Assim que Adoniram terminou de colocar suas três Bíblias — uma em inglês, uma em hebraico e uma em latim — e a última carta de sua noiva em uma sacola de pano, dois marinheiros franceses invadiram a cabine. Adoniram se virou, chocado com a rapidez com que os corsários franceses haviam alcançado o Packet. Quando

ele deixara o convés, o navio francês estava pelo menos a cem metros atrás deles. Agora parecia que os corsários haviam embarcado no Packet e assumido o controle total.

Com gestos, ordenaram que Adoniram retornasse ao convés. Ele foi então conduzido com o resto da tripulação britânica para o lado estibordo do navio e forçado a descer em uma corda colocada na lateral e entrar em um barco que os esperava ali. Poucos minutos depois de chegar ao navio francês, Adoniram foi jogado no porão junto com a tripulação do Packet. O local escuro e úmido estava superlotado. Não havia comida, água nem penicos. A única iluminação existente era um raio de luz solar que se infiltrava pelo ar empoeirado do local.

Pensamentos sombrios pesavam no coração de Adoniram Judson quando se sentou no porão superlotado. Ele nunca mais veria a Nova Inglaterra. Seria apenas uma questão de tempo até que os corsários franceses o jogassem ao mar, como gostavam de fazer com os prisioneiros. Agora ele nunca veria o leste da Ásia. Todos os seus esforços para se tornar um missionário haviam sido em vão. Ele dera tudo de si só para se afogar no meio do oceano Atlântico. Lágrimas quentes rolavam pelo rosto de Adoniram. Quando criança, em Wenham (Massachusetts, EUA) ele não imaginara assim o fim de sua vida.